



**Denise Pereira  
(Organizadora)**

**Diversidades:  
Diferentes,  
não  
Desiguais 2**

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Diversidade: Diferentes, não Desiguais 2

Atena Editora  
2019



2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 2 /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-091-9

DOI 10.22533/at.ed.919190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.  
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO	
Francisca Maria da Silva Barbosa Iara Maria de Araújo Tatiane Bantim da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
DEL ESTIGMA AL SUJETX POLÍTICX: UNA ARQUEOLOGÍA DE LA MEMORIA HISTÓRICA TRANS SALVADOREÑA	
Amaral Arévalo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
PRECISAMOS FALAR SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DO FILME AZUL É A COR MAIS QUENTE	
Glaucy de Sousa Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
SAUDOSA AMÉLIA - A CRISE DA MASCULINIDADE FRENTE ÀS “MULHERES MODERNAS”	
Ingrit Machado Jeampietri de Paiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
RECORTES DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Ana Caroline Genésio Rodrigues Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
UM CHOPP PRA DISTRAIR: DISCURSO PUBLICITÁRIO E GÊNERO	
Anselmo Lima de Oliveira Alfrancio Ferreira Dias Simone Silveira Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS DE RAÇA E GÊNERO	
Júlia Castro John	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO DIREITO BRASILEIRO	
Anna Christina Freire Barbosa Walney Moraes Sarmiento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9191905028</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 91**

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE O PÚBLICO LGBT COM A POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO CEARÁ EM LOCAIS HOMOAFETIVOS NA CAPITAL CEARENSE

David Sousa Garcês  
Fábia Costa  
Diêgo Matos Araújo Barros  
Neila Fernanda Pereira de Souza Diniz  
Valeska Denise Sousa Garcês

**DOI 10.22533/at.ed.9191905029**

**CAPÍTULO 10 ..... 100**

UNIVERSIDADE PÚBLICA E EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA UFAC

Fabiana Nogueira Chaves  
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

**DOI 10.22533/at.ed.91919050210**

**CAPÍTULO 11 ..... 116**

A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA EM A PAIXÃO DE LIA, DE BETTY MILAN, E AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA

Giovanna de Araújo Leite

**DOI 10.22533/at.ed.91919050211**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

A INTERFACE DO SEMBLANTE E DA PULSÃO ESCÓPICA ATRAVÉS DO RELANCE DO RAPAZES ALEGRES EM QUEER EYE

Eider Madeiros  
Hermano de França Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.91919050212**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

A APROPRIAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA FICÇÃO COMO ARTIFÍCIO FIRMADOR DO DISCURSO MACHISTA

Raíssa Feitosa Soares  
Emannuely Cabral de Figueiredo  
Lissa Furtado Viana  
Otávio Evangelista Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.91919050213**

**CAPÍTULO 14 ..... 147**

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE

Aparecida Gomes Oliveira  
Lídia Maria Nazaré Alves  
Rhanielly Gomes Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.91919050214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
A INFLUÊNCIA QUE O CONSELHO DA MULHER EXERCE NO TOCANTE A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA	
Sara Regina Santos Oliveira	
David Sousa Garcês	
Fábia Costa	
Diêgo Matos Araújo Barros	
Valeska Denise Sousa Garcês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A CAPOEIRA ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	
Janayna Rocha Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA EM TERRA SONÂMBULA	
João Philippe Lima	
Daniela de Sousa Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
AS REPERCUSSÕES DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PADRÃO DE SAÚDE-DOENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes	
Regina Moraes da Silva Araujo	
Lucas Paoly de Araujo Moraes	
José João Araujo Neto	
Janice Alves Trajano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>197</b>
BRASIL: A ÁFRICA NA AMÉRICA DO SUL	
Jorge Yuri Souza Aquino Leite Rodrigues Lins	
Maria Eduarda Henrique Mascarenhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
BRUXA E ADÚLTERA (A GLORIOSA FAMÍLIA (1997), DO ANGOLANO PEPETELA)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91919050220</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>219</b>

## BRUXA E ADÚLTERA (A GLORIOSA FAMÍLIA (1997), DO ANGOLANO PEPETELA)

**Denise Rocha**

Universidade Federal do Ceará - UFC  
Fortaleza - Ceará

**RESUMO:** O objeto do estudo é apresentar a trajetória da bela e rebelde Matilde Van Dum, infratora das normas sociais impostas à mulher no século XVII. Nomeada como bruxa, por ser capaz de ter visões e fazer profecias, a católica casou-se grávida com um calvinista e cometeu adultério na sacristia de uma igreja. A análise do comportamento ousado e erotizado, de Matilde, uma das filhas do clã Van Dum, do romance **A gloriosa família** (1997), de Pepetela, que aborda os sete anos (1641-1648) da presença dos holandeses calvinistas em Luanda (Angola) e adjacências, para organizar o tráfico de escravizados para as lavouras de cana-de-açúcar, no nordeste do Brasil, será baseado nas reflexões sobre o erotismo e a religião, de Bataille, e sobre o interdito e a transgressão, de Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura angolana, Pepetela, *A gloriosa família*, transgressão, mulher.

**ABSTRACT:** The object of the study is to present the trajectory of the beautiful and rebellious Matilde Van Dum, who violated social norms imposed on women in the seventeenth century.

Named a witch, being able to have visions and make prophecies, the catholic woman married pregnant with a Calvinist and committed adultery in the sacristy of a church. The analysis of the daring behavior of Matilde, one of the daughters of the Van Dum clan, from Pepetela's novel *The Glorious Family* (1997), which addresses the seven years (1641-1648) of the calvinist dutch presence in Luanda and surrounding areas, to organize the trafficking of slaves to sugarcane plantations in northeastern Brazil, will be based on reflections on Bataille's eroticism and religion, and on Foucault's interdict and transgression.

**KEY WORDS:** Angolan literature, Pepetela, *The Glorious Family*, transgression, woman.



Fig. 1- **Profetiza e suposta bruxa** Mãe Shipton.

Xilogravura de John Ashton, *Livro de contos populares*, século XVIII



## 1 | INTRODUÇÃO

Gertrudes fez esta exigência, como mais tarde confessou à família, porque Matilde, sua irmã mais nova, muito bonita, mas também muito bruxa, inclinada a visões e profecias, lhe confidenciou numa noite de trovoadas, propícia para essas coisas, que o pai estava a dar origem a uma linhagem notável, nas suas palavras, uma gloriosa família, e ela queria que seus netos e bisnetos carregassem o nome ilustre de Van Dum. Se ficasse o Pereira no fim, em duas gerações o glorioso nome desapareceria, em detrimento do arranjado para esconder o apelido judeu. (PEPETELA, 1999, p. 22 e 23).

Bruxa, que tinha visões e fazia profecias, é a maneira pela qual Gertrudes Van Dum, refere-se à sua bela irmã que tinha lhe aconselhado a manter o nome da família aos descendentes, colocando no registro do filho o sobrenome holandês em último lugar, ao invés o do esposo, Pereira, como era tradição portuguesa.

A profecia a respeito da formação de uma linhagem mestiça famosa, que foi revelada em uma tumultuada noite de tempestade, foi um dos prognósticos da jovem na conservadora e patriarcal Luanda no século XVII, espaço geoestratégico e cultural do romance **A gloriosa família: o tempo dos flamengos**, do escritor angolano Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos). Tal narrativa apresenta uma etapa da história angolana (1641-1648), que reflete o conflito transatlântico entre Recife (Brasil holandês) e Salvador (Brasil luso) em Luanda, por causa da requisitada mão de obra escrava para a lavoura nordestina de cana-de-açúcar.

Mulata com olhos azuis, Matilde, que era filha do católico Baltazar Van Dum, um comerciante de escravos, e sua esposa oficial, D. Inocência, desdenhava das noções de recato e assumia posturas ousadas em busca de prazer sexual, mesmo quando estava casada e tinha um nenê.

O objetivo do estudo é delinear a trajetória transgressora de Matilde, sob a perspectiva do erotismo e religião (Bataille), e do interdito e transgressão (Foucault).

## 2 | O EROTISMO (BATAILLE)

A relação entre os conceitos de erotismo, religião e angústia são temas da obra **O erotismo**, de George Bataille (1897-1962) que acentua que o corpo e suas modificações, ao responder aos movimentos vivos, excitam a pessoa interiormente. Eles estão conectados às facetas sedutoras e surpreendentes do corpo do ser humano sexuado, o qual busca um tipo de contato físico que pode ser vivenciado em plenitude.

A experiência do erotismo era possível em um período em que não se destacava a relação exata entre a interdição e a transgressão. Mas o Cristianismo se colocou contra a vivência erótica, a experiência sexual prazerosa, sem finalidade de procriação, que começou a ser considerada uma forma de transgressão a ser interdita:

A experiência interior do erotismo solicita daquele que a prova uma sensibilidade à angústia fundadora da interdição tão grande quanto o desejo que o leva a enfrentá-la. É a sensibilidade religiosa que liga, sempre estreitamente, o desejo e o pavor, o prazer intenso e a angústia [...]. (BATAILLE, 2004, p. 59).

Na mente da pessoa com formação religiosa, segundo Bataille, a energia do erotismo não flui bem, não acontece ou ocorre apenas raramente.

A católica Matilde, entretanto, não respeita a situação de decoro e pudor que a mulher cristã deveria manter enquanto solteira e ainda mais, quando casada. A inconsequente moça gosta de transgredir.

### 3 | A TRANSGRESSÃO (FOUCAULT)

Michel Foucault (1926-1984), no Prefácio à Transgressão, da obra **Estética e Pintura, Música e Cinema**, enfatiza que:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, na sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples; a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível. Mas esse jogo vai além de colocar em ação tais elementos; ele os situa em uma incerteza, em certezas logo invertidas nas quais o pensamento rapidamente se embaraça e por querer aprendê-las. (FOUCAULT, 2009, p. 32)

O sociólogo francês acentua a questão da transposição do limite do comportamento e acrescenta que:

[...] para tentar pensá-la [a existência], pensar a partir dela e no espaço que ela abarca, é necessário desafogá-la das suas afinidades suspeitas com a ética. Libertá-la do que é o escândalo ou o subversivo, ou seja, daquilo que é animado pela potência do negativo. (FOUCAULT, 2009, p. 33)

Para Foucault, a transgressão seria uma fina linha que separa o permitido do sonhado:

A contestação não é o esforço do pensamento para negar existências ou valores, é o gesto que reconduz cada um deles aos seus limites, e por aí ao Limite no qual se cumpre a decisão ontológica: contestar é ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser. (FOUCAULT, 2009, p. 34)

Além de ter atitudes morais transgressoras, Matilde faz algumas revelações sobre o futuro, afirmando sua posição como bruxa, além de proferir ameaças contra pessoas.

## 4 | A BRUXA

Mulheres diferentes, que ocupavam espaços de atuação feminina, especificamente, como parteiras, curandeiras e benzedoras, foram perseguidas e punidas na Idade Média europeia. A questão da política sexual da época focou nos poderes delas, principalmente, na área de contraceptivo e aborto, que ia contra a diretriz do Cristianismo, em uma época de muitas mortes - recém-nascidos, crianças, jovens e adultos - por causa de várias doenças incuráveis etc., que causavam um grave problema social. A prática de métodos e conhecimentos na saúde reprodutiva feminina, realizados por certas profissões, tornaram-se indesejáveis.

No ano de 1486 foi escrito o livro **Malleus Maleficarum (O Martelo das Bruxas)**, por Kraemer e Sprenger: um manual de perseguição às mulheres transgressoras, denominadas de bruxas, que foram enredadas pela Inquisição. A obra provocou uma histeria coletiva e influenciou a escrita de panfletos e baladas, ilustrados por xilogravuras que revelavam um sexismo latente.

### 4.1 MALLEUS MALEFICARUM (MARTELO DAS BRUXAS): um manual de perseguição às mulheres transgressoras (1486)

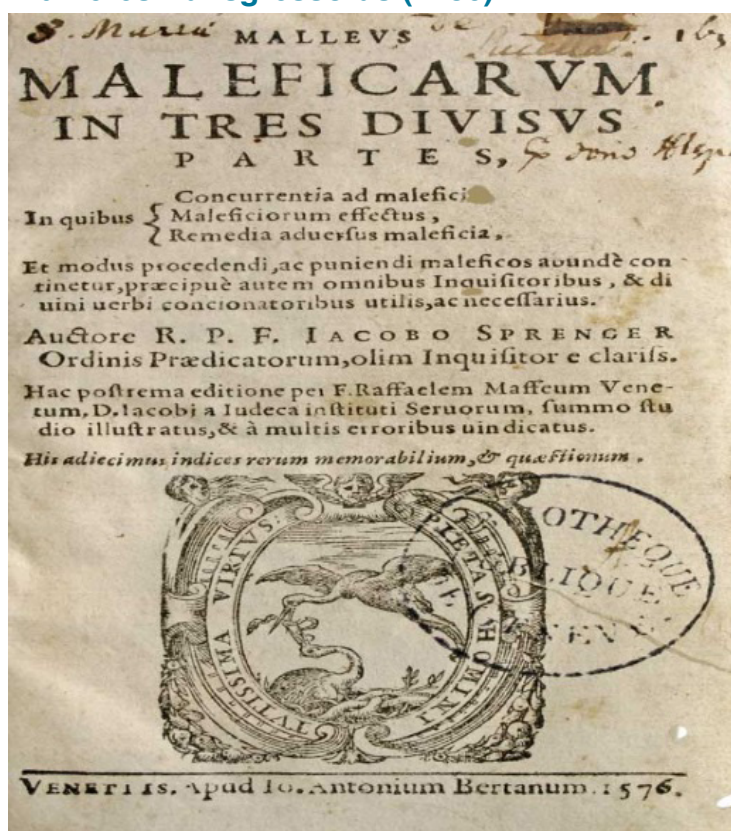


Fig. 2- Folha de rosto da obra *Malleus Maleficarum* (Martelo das Bruxas), 1576.

Escrito por dois monges dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger, oriundos de regiões da atual Alemanha, em 1486, o livro aborda a situação da bruxaria: poder e prática, relações com o demônio e descoberta de pessoas que cometiam a heresia. Ao longo de três séculos, tornou-se um guia de instrução indispensável para

o Tribunal da Inquisição: identificação, interrogatório, tortura física e mental e punições diversas.

Muitas destas mulheres foram vinculadas às práticas com os demônios, compreensão reveladora de um sincretismo com o paganismo, cristalizado em narrativas com imagens de cenas de cavalgadas celestiais, conforme revelado no **Malleus Maleficarum**:

[...] ainda que estas mulheres imaginem cavalgar (como assim pensam e dizem) com Diana ou Herodias, na verdade cavalgam com o diabo, que chamam com alguns desses nomes pagãos e projetam um reflexo sedutor em seus olhares. [...] E o terceiro ponto é este: o ato de cavalgar pode ser meramente ilusório, já que o diabo possui um extraordinário poder sobre as mentes de quem a ele se entrega, de maneira que as coisas que fazem em sua imaginação acham que as fazem real e verdadeiramente no corpo. E o quarto ponto é este: as bruxas assinaram um pacto que consiste em obedecer ao demônio em todas as coisas, onde afirmar que as palavras do Cânon devesse se estender até incluir e abarcar todos os atos de bruxarias é um absurdo, já que as bruxas fazem muito mais que estas mulheres, e em verdade são de uma espécie diferente. (KRAEMER; SPRENGER, 2007, p. 14)



**Fig. 3- Bruxa.**

Xilogravura de Michael Wolgemut, Nurnberg, Alemanha (1493)

A percepção da existência de um tipo de mulher na Idade Média europeia, que detinha conhecimentos sobre a saúde reprodutiva feminina e, supostamente, participava de cultos ao demônio, gerou pânico e psicose coletiva. Muitas delas foram condenadas em Autos de Fé e queimadas na fogueira.

O estigma de ser uma bruxa e, por isso, ser considerada perigosa e indecente para, ainda, em culturas de matriz ocidental cristã.

Matilde, porém, tinha orgulho de ser considerada bruxa, embora os olhos vigilantes da Inquisição estivessem presentes em Luanda, no século XVII, e o adultério também



fosse considerado delito no catolicismo.

## 5 | A ADÚLTERA



Fig. 4- Jesus e a mulher adúltera.

O relacionamento extraconjugal é explicado por Alexandre C. Teixeira da Silva no artigo **Adultério: prática e consequências**:

A palavra “adultério” vem da expressão latina “*ad alterum torum*” que significa “na cama do outro”, provém do latim *adulterium*, de *adulter*. Seus componentes léxicos são: o prefixo *ad* (que dá idéia de “cerca de, aproximação, para, em direção à”), a raiz de *alter* (que significa “outro”), alterada em *ulter* ao receber o prefixo, mais o sufixo *io* (que dá a idéia de “efeito ou resultado”). Assim, *ad + ulterium* (que na condição de advérbio, significa “o que está do outro lado, o que está mais longe”). (SILVA, s.d., p. 4)

A infidelidade era considerada no Antigo Testamento um dos mais abomináveis pecados perante a aliança entre o homem, a mulher e Deus, e exigia a pena de morte para a mulher. No Novo Testamento, segundo o evangelista João, Jesus prega a misericórdia para tal pecado.

A situação de uma adúltera, uma mulher que traiu o esposo em busca de satisfação sexual, durante a época de Jesus Cristo, seria morta, publicamente, em situação humilhante e desesperadora. O homem com quem estava não seria punido.

O Mestre a redimiu (João, 8, 6-11), em desacordo com a tradição judaica:

Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante em adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois que dizes? [...]

Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhe disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra. [...]. (A BÍBLIA, 2002, p. 1319)

Jesus ousou perguntar sobre a situação individual de cada um deles, que estavam prontos a assassiná-la aos poucos, com pedradas, em relação às suas culpas, mas todos se afastaram. Ele perguntou: “Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peque mais”. (A BÍBLIA, 2002, p. 1319).

Na situação de Matilde, membro rebelde de **A gloriosa família**, a dimensão do adultério, uma prática pecaminosa em várias culturas e religiões, assumiu outra dimensão, pois ela própria orgulhava-se de ser infratora e feiticeira.

## 6 | PERCURSO OUSADO FEMININO EM LUANDA NO SÉCULO XVII

Pepetela foi agraciado com o Prêmio Camões 1997 pelo romance **A gloriosa família** (1997), que resgata os anos 1641 a 1648, época da colonização holandesa, pela Companhia das Índias Ocidentais, interessada no comércio de escravizados para o Brasil, em uma vila, Luanda, que fora anteriormente colonizada pelos portugueses.

Em **Pepetela e as (novas) margens da nação angolana**, Inocência Mata escreveu sobre afinidades temáticas dos romances históricos do autor (“narrativas de fundação”):

[...] que se aproximam pela textualização de traços primordiais - a saber, **Yaka**, 1984/1985, **Lueji. O Nascimento de um Império**, (1989), e **A Gloriosa Família. O Tempo dos Flamengos**, (1997) - são campo fértil para o desvelamento do seu projeto discursivo de nação, da luta narrativa na sua escrita (da nação) a partir de narrativas de fundação como são as três obras supracitadas. (MATA, 2001, p. 187).

A obra **A gloriosa família** está dividida em 12 capítulos com informações, em parênteses, sobre mês e ano do ocorrido a ser narrado, por exemplo (Capítulo Primeiro (*Fevereiro de 1642*)), o romance tem um prólogo sobre um episódio histórico envolvendo Van Dum, narrado por António de Oliveira Cadornega em **História Geral das Guerras Angolanas** (1680). Além de ter um glossário, anexado ao final, que contém 42 palavras, em sua maioria no idioma kimbundi, relativas à fauna, flora, cultura e religião nativa.

Neste romance de matriz histórica, o escritor angolano insere no início de dez capítulos dos doze constituintes da obra, fragmentos de livros de História de autoria prestigiada e de correspondência existente nos Arquivos de Angola, em Luanda, na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, bem como nos Arquivos da Haia e Prop, na Holanda; carta de anônimo sobre a vinda dos holandeses (maio de 1643), (Capítulo 2); relatório de Moortamer e Nieulant (11-09-1641) a respeito da amizade oferecida por Dom Agostinho, comandante da Ilha de Luanda, pertencente ao Congo (Capítulo 3); extrato de **A Dupla Restauração de Angola**, de Silva Rego (1948) com informações sobre

a evasão do governador Pedro César de Menezes, auxiliado pelo capitão Gaspar Gonçalves, o Ensandeira, (Capítulo 4); comentário de C. R. Boxer, em **The Dutch in Brazil**, sobre o precoce falecimento do cientista alemão Marcgraf, enviado de Nassau para Angola, onde foi vítima de paludismo (Capítulo 5); carta do governador Fernão de Sousa ao rei (29-07-1632) a respeito da necessidade de se batizar os negros em Angola, (Capítulo 6); carta de Cornelis Ouman ao Conselho do Brasil (12-01-1642), oferecendo seus préstimos a Nassau para estabelecer o comércio com os lusos (Capítulo 7); carta de Francisco de Sottomayor ao Rei (04-12-1645) sobre a facilidade dos batavos em adquirir gêneros alimentícios no Bengo e no Dande (Capítulo 8); carta do Padre António Vieira ao Marquês de Nizza (12-08-1648) a respeito da vital importância de Angola no comércio negreiro (Capítulo 9); carta de Padre Bonaventura da Taggia ao Monsenhor Ingoli (05-09-1646) sobre a futura vitória dos portugueses por causa dos prejuízos comerciais da Companhia das Índias Ocidentais (Capítulo 11) e carta do Padre António do Couto (05-09-1648) sobre a missa campal rezada próxima de Luanda, durante a reconquista lusa (Capítulo 12).

O narrador de **A gloriosa família** é um escravo, mudo de nascença, presenteado a Baltazar Van Dum pela rainha Jinga do Dongo e de Matamba, detentora do tráfico de escravos. Filho de um capuchinho italiano e uma escrava lunda, ele conta o cotidiano da católica família Van Dum, com detalhes sobre as fragilidades dos inúmeros membros: oito filhos legítimos com a esposa oficial Inocência (Gertrudes, Matilde, Rosário, Ana, Rodrigo, Ambrósio, Benvindo e Hermenegildo), três reconhecidos (Nicolau, Catarina e Diogo) e inúmeros anônimos, na Europa, na sua sanzala (propriedade rural), perto de Luanda, e outros na quinta localizada às margens do rio Bengo.

A obra expõe a vida da dinastia mestiça Van Dum, na cidade de Luanda e região, em uma época, na qual as católicas tinham que preservar a virgindade física até o casamento; proporcionar prazer sexual ao cônjuge e zelar pela integridade física e moral das filhas, perpetuando uma tradição de repressão erótica feminina.

Matilde Van Dum era “uma mulata redondinha de carnes e malandros olhos azuis [que] era apetejada por todos os homens da cidade” (PEPETELA, 2009, p. 48) e que flertava descaradamente. Ela era diferente de suas irmãs - Gertrudes, Rosário, Ana e Catarina -, fazia o que queria para sentir deleite, não respeitando o voto de castidade de um padre, tampouco os sagrados laços do matrimônio e da maternidade. Embora tivesse sido criada por uma mãe que fora educada na missão católica, a moça não quis seguir os valores morais que eram mantidos com rigor pela genitora e pelos membros masculinos do clã Van Dum.

O perfil da afoita jovem vai além da faceta sedutora, pois ela faz uma importante profecia sobre o futuro de Luanda, sobre os sete anos da presença holandesa (1641-1648), fato que se concretizou.

Matilde envolvia-se em discussões políticas, algo raro naquela sociedade patriarcal. Mas o ano de 1640, sinalizava o término do reinado dos Felipes da Espanha em Portugal (1580-1640), que ocorreu depois da morte de D. Sebastião (1578), em

batalha contra os mouros, em Alcácer Quibir, atual Marrocos. Em 1641, Luanda tinha sido invadida pelos holandeses, que não eram inimigos dos portugueses, e ainda não tinham ratificado nenhum tratado na nova conjuntura política lusa. Por isso, a jovem questionou o pai: “-Como vamos ficar, quando esse acordo for válido? - perguntou Matilde, de olhos azuis brilhantes quando certos temas eram atirados para a mesa”. (PEPETELA, 1999, p. 26).

## 6.1 PROFECIA E SEDUÇÃO DE UM PADRE

A respeito da chegada dos holandeses em Luanda, Matilde profetizou sobre a exata duração desta colonização a um religioso na quinta dos jesuítas, localizada próxima ao rio Bengo:

Sei que os flamengos vão ficar aqui sete anos. Desde o dia da chegada ao da partida vão passar exactos sete anos. Vi no dia que chegaram. Vejo isso constantemente escrito no céu.

Vês? Escrito? Escrito no céu?

-Gravado a fogo no céu. [...]

-Tens a certeza que vai acontecer?

-Nunca tive uma visão tão forte. Por vezes então, é tão claro que até me faz piscar os olhos, a frase gravada a fogo queima-me. Juro! (PEPETELA, 1999, p. 48 e 50).

Seus familiares e outros moradores de Luanda, juntamente com o governador, haviam se refugiado naquela propriedade dos padres, quando os flamengos invadiram o litoral luandense. Nessa ocasião, Matilde já havia desabrochado sexualmente e decidiu ter intimidades, escolhendo um padre, que embora tivesse certa idade, preservava um belo corpo. O início da sedução começou com o seu desejo de conhecer a propriedade que estava sendo mostrada por ele, a quem havia revelado sobre a permanência exata dos holandeses, acima mencionada, segundo narrou à sua irmã Catarina:

[...] mudou então a postura. Até aí estava em atitude de humildade e alguma preocupação. Devia ser ele a tomar a iniciativa, era muito mais velho e sobretudo era homem. Mas tímido demais. Soltei-me, disse ela, atirei tudo para o ar, nem queria saber o que ele podia pensar, era uma força interior, um grito impossível de calar, um fogo, uma sarça ardente que não dava para apagar.

-Me absolva, padre, me absolva.

Matilde se levantou e encostou às pernas dele, olhando-o nos olhos. O padre estava encurralado pelo tronco, não podia recuar. O jesuíta começou a balbuciar uma oração com os lábios entreabertos, meteu uma mão por baixo dos saíotes dela, sentiu o calor, revolveu os olhos. Ela o puxou e caíram abraçados no chão. E o padre absolveu-a no capim, nas palavras dela, misturadas com risonhos. (PEPETELA, 1999, p. 48 e 49).

Em Luanda havia muitos jovens da idade dela, mas a ousada Matilde decidiu seduzir um religioso que tinha feito voto de castidade e conseguiu que ele pecasse.



## 6.2 FLERTE, MATRIMÔNIO E ADULTÉRIO NA SACRISTIA DA IGREJA

Na ocasião do casamento do seu irmão mais velho, Rodrigo Van Dum, com Cristina Nuzzi, filha do governador da ilha de Luanda, Matilde começou a transgredir, publicamente, as normas da tradição:

As mulheres se colocaram de um lado, sentadas sobre esteiras, e os homens conversavam em grupos, afastados delas. Mas Matilde estava no meio de uma roda de oficiais mafulos, treinando o flamengo que aprendera com o pai, como nós todos. Fui observando esse grupo e logo distingui o que devia ser o tenente Jean Du Plessis. Se todos comiam Matilde com os olhos, esse oficial estava mais derretido que os outros e ela o mirava de vez em quando de maneira especial Jean Du Plessis, se as minhas deduções não estivessem erradas, o que dificilmente sucede, era o mais baixo do grupo. Moreno, mas mais branco que os portugueses. Tinha barba negra pontiaguda e bigode de pontas reviradas, o que distinguia dos outros, que tinham barbas ruivas ou loiras. Não sei porquê, essas coisas não se explicam, são só intuições, mas me pareceu alguém inofensivo, de fraco caráter, o que era estranho se tratando de um oficial, correndo atrás de aventura e de dinheiro nos mares dos trópicos. (PEPETELA, 1999, p. 103).

Matilde mostrava ter grande contentamento em chamar as atenções dos oficiais do exército holandês e escolhera o tímido tenente Jean Du Plessis, como alvo de sua conquista. Seu comportamento ousado, provocou a atenção do Major Tack que comentou com o pai dela, Baltazar Van Dum:

- A sua encantadora filha tem muito sucesso junto dos meus oficiais, já reparou amigo Van Dum?

Foi na melhor das intenções, por um lado para desviar o rumo das conversas, por outro para cumprimentar Baltazar. [...] Mas teve o pior efeito, porque fez o meu dono reparar no grupo e na forma desinibida como Matilde ria no meio dos homens. Mostrava familiaridade de que ele não suspeitaria. Que soubesse, Matilde nunca tinha falado com um mafulo, que não fosse o próprio major e o capitão Savigny, que duas ou três vezes tinham sido convidados a comer na sanzala no sábado. E dessas vezes ela tinha se portado com o maior recato e provavelmente nem lhes tinha dirigido a palavra, pois o contrário teria sido notado. Como então ficava ela assim tão à vontade no meio de desconhecidos? (PEPETELA, 1999, p. 104).

Atônito, o pai observou a vergonhosa atitude da rebelde Matilde que logo depois, começou a se encontrar com o tenente na lagoa do Kinaxixi, localizada nas cercanias da sanzala (fazenda) Van Dum. O feitor Dimuka, que deveria seguir Matilde em todos os seus passos, percebeu os encontros ilícitos e ameaçou fazer a denúncia a Baltazar, ela, porém, o ameaçou, conforme contou à Catarina:

- [...] esse não mete medo. Pois o maldito, como dizes, já descobriu há muito tempo. Mas não abrirá a boca. Percebi que ele vinha atrás de mim, logo da primeira vez. Uma intuição, sabes como é, das que eu tenho. E lhe avisei, se vires alguma coisa e se quiseres contar alguma coisa do que vires, eu faço de maneira que só cobras vão sair da tua boca, até morreres. (PEPETELA, 1999, p. 122).

Inconsequente em todas as suas atitudes, Matilde engravidou, mas o namorado

não queria assumir, publicamente, o relacionamento, dizendo ser calvinista sem interesse em celebrar matrimônio em igreja católica. Desesperada por estar solteira e gestante, sem chance de casar-se com Jean, Matilde, ciente de ter dado um passo errado, segundo as regras católicas de preservação da virgindade, buscou apoio junto ao pai:

Matilde era de facto a sua preferida, pois o surpreendi três dias depois do escândalo a dizer para Benvindo, a tua irmã ao menos enfrenta as coisas, quando viu que não conseguia convencer o tenente, veio ter comigo e abriu o jogo, eu não soube por terceiros, soube por ela, isso é muito importante, revela carácter, quem me dera que todos vocês o tivessem. (PEPETELA, 1999, p. 141).

Furioso, Baltazar procurou o major Tack para buscar uma solução para a vergonha da gravidez de sua filha solteira, que tinha sido provocada pelo oficial Jean, o qual teve que reparar o erro. O desigual casal constituiu um acolhedor lar:

A casa da bela Matilde na cidade alta se tornou num lugar elegante para os mafulos. Os oficiais não tinham as mulheres com eles, preferiam deixá-las na Holanda ou no Brasil. [...] não desdenhavam um chá de caxinde, à tarde, pretexto para esvoaçarem à volta de Matilde e discutirem livros, pintura, viagens, filosofia. [...] De facto havia razão para isso. Matilde saiu da terrível provação que é o primeiro parto mais bela ainda. Como se com o filho e as porcarias que eliminou se tivesse purificado. Os olhos brilhavam mais luminosos, a pele ficou de uma suavidade nunca vista e até os lábios cheios pareciam mais vincados. (PEPETELA, 1999, p. 145 e 146).

A bela residência tornou-se um salão literário e cultural de dimensão internacional e o nascimento de Henri alegrou ainda mais a atmosfera, mas Matilde já estava enfasiada com o esposo, pois o prazer dela era seduzir, conquistar e seguir em frente. À sua irmã Catarina confidenciou que ele não tinha: “[...] piada nenhuma, coitadinho, lhe falta o jindungo”. (PEPETELA, 1999, p. 146). Ela já estava interessada no oficial holandês Jost que frequentava o seu lar.

O local para deleite sexual escolhido pelo casal era a Sé, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que tinha sido abandonada e degradada, depois da invasão dos holandeses calvinistas. Fogosa, Matilde não se importava com a desordem e a sujeira da sacristia onde se realizariam os encontros interditos pela moral cristã.

Precavido, Jost Van Koin tinha trazido uma manta para forrar o chão nojento, mas o desejo intenso não fora concretizado, de forma satisfatória:

Matilde não estava tranquila e o acto de amor se ressentiu da inquietação. Foi tudo muito rápido, a despachar para ir embora o mais cedo possível, os dois a ficarem desiludidos pelo sabor a pouco em face do desejo que nutriam. Se despediram com muitos pedidos de desculpa, da próxima vez será melhor. (PEPETELA, 1999, p. 156).

Erotismo e sacristia não combinavam. A sala dessacralizada estava impregnada, ainda, de uma atmosfera de religiosidade. Matilde não estava conformada com o

fracasso do interlúdio físico, mas estava indecisa:

Por isso, recusou outros encontros, foi adiando, adiando, até que uma semana depois cedeu, o desejo era muito e Jost tão querido, nas tardes de visita de visita a fitava com olhos de cão injustamente castigado, suplicando mais um encontro, só mais um e depois a morte. Ela não podia resistir a tanta paixão. [...] (PEPETELA, 1999, p. 157).

Avisado do adultério, Jean os surpreendeu: “Estava enlaçada a Van Koin, por cima da manta que ele deixara embrulhada num canto da primeira vez, quando fez a irrupção o enganado marido”. (PEPETELA, 1999, p. 157). Matilde retornou à sua casa, arrumou algumas coisas e voltou para junto dos seus familiares, com o recém-nascido Henri.

Jean acabava-se com o álcool, e Jost contava a todos, na taverna, sobre sua virilidade, enquanto que aguardava um duelo com o marido traído que não concordou em pegar em arma para defender sua honra perdida. Para ele, se não havia mais amor, o casamento tinha acabado e não havia necessidade de restaurar reputação alguma. O canalha falastrão foi transferido para outra guarnição holandesa. E Jean, por não ter aceitado o confronto armado, foi considerado covarde e, por isso, também foi realocado, perecendo em um naufrágio.

Pivô de tanta infelicidade, motivada pela grave violação dos deveres conjugais e maternos, Matilde foi muito criticada, pois a prática de adultério era criminalmente mais grave quando praticado pela esposa.

### 6.3 RECATO COM O NOVO PRETENDENTE

Jovem mãe e viúva, Matilde conheceu Daniel Boreel, engenheiro de diques e canais, que tinha como objetivo construir um canal para transporte de água para Luanda. Parecia que ela tinha sossegado sexualmente, pois nada indiscreto foi observado naquele relacionamento. O narrador comentou que:

Não o posso garantir absolutamente, todos sabemos como Matilde tinha ares de dissimulação, mas nunca os surpreendi em outras atitudes senão uns apertos de mão e conversas ciciadas de ternura, o que era muito pouco para a reconhecida fogosidade dela. [...]

Bolas, os dois eram novos e se desejavam, e pelo menos ela já tinha antecedentes. Como não passavam de conversas de portão? A ligação já durava há um ano ou mais e não acontecia nada. Pois bem, quase posso jurar, não aconteceu até a hora da partida, só se foi em sonhos. Nunca Matilde o atraiu para o quarto de arrumos, o tal que tinha albergado vários amores [...]. Estranho, muito estranho. Mas, por mais que me custe ver aqueles dois se separarem sem trocarem senão apertos de mão, não posso inventar beijos e saias a serem levantadas só para excitar algumas almas insatisfeitas. (PEPETELA, 1999, p. 356).

(PEPETELA, 1999, p. 356).

Daniel queria casar-se com Matilde, antes de retornar à Holanda, mas ela

recusou-se. Para o narrador, observador direto dos fatos, do “namoro que se traduzia apenas por conversas no portão”, a falta de intimidade do casal era objeto de reflexão:

Vi o barco dele partir numa tarde ensolarada de outubro, ela acenando com um lenço, ao lado do pai e dos irmãos. Seco o lenço, seco o sexo. Podia? Mistério que Matilde levará para a tumba. O engenheiro era impotente? E ela, nunca conseguiu curá-lo, mantendo a relação em puro platonismo? Já se viram casos assim, mas era de qualquer modo estranho acontecer logo com Matilde. (PEPETELA, 1999, p. 356).

O casto namoro entre Matilde Van Dum e Daniel Boreel causou perplexidade nos familiares e conhecidos.

## 7 | CONCLUSÃO

O percurso da atraente e transgressora Matilde, uma das filhas do numeroso clã de Baltazar Van Dum, do romance **A gloriosa família** (1997), de Pepetela, em Luanda, durante a ocupação holandesa (1641-1648), desvenda distintas facetas, a da bruxa e a da adúltera, que gostava de fazer abordagens sexuais, que se casou grávida com um calvinista e cometeu infidelidade conjugal, dentro de um espaço sacramentado, a sacristia da Sé de Luanda.

Suas atitudes transgressoras em uma sociedade patriarcal revelam o entrelaçamento entre o erotismo e a religião (Bataille), que apontam para o papel controlador do cristianismo nas relações sexuais, realizadas em busca de prazer e não para procriação. Nessa perspectiva, o deleite não ocorre de acordo com os desejos pessoais, fato que se mostra evidente na experiência extraconjugal insossa de Matilde com Jost na sacristia da igreja. A moça era rebelde, mas fora criada por uma mãe, antiga aluna de escola de missão católica, que lhe ditara a ideologia do recato da moça solteira e da fidelidade eterna da esposa.

Mal falada e repudiada na sociedade luandense, Matilde entendeu que o seu comportamento que revelava o apreço ao interdito e à transgressão (Foucault) provocou a tragédia de seu devotado esposo e o escárnio do amante exibido para o qual ela não passava de uma mulherzinha qualquer.

Matilde puniu a si própria por causa de seu comportamento não-convencional, iniciado com a perda da virgindade, um pilar das virtudes femininas da moça casadoira, com um padre, passando pela celebração do casamento com barriga visível de gestante e terminando com a traição do marido com o amigo dele, em flerte consolidado na residência do jovem casal, quando o filhinho tinha um mês de vida.

Ao conhecer o honrado engenheiro Boreel, ela parece ter tentado recomeçar sua vida afetiva com demonstrações de amor recatado, pois tinha amargamente aprendido que em uma sociedade patriarcal, a mulher, que ousasse viver seus desejos eróticos



de forma intensa e deixar visibilidades das experiências, não teria perdão.

## BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA DA MULHER: Leitura, devocional e estudo. Trad. de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Editora Mundo Cristão, 2002.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Trad. de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CRABB, Jon. **Xilogravuras e Bruxas**. 30. out. 2017. Disponível em: <<http://www.penumbralivros.com.br/2017/10/xilogravuras-e-bruxas/>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à Transgressão. In: \_\_\_\_\_. **Estética e Pintura, Música e Cinema**. Org. de Manoel Barros da Motta. Trad. de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 28-46. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Ditos-e-escritos-III-Est%C3%A9tica.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**. O MARTELO DAS BRUXAS. Trad. de Alex H. S. Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

MATA, Inocência. Pepetela e as (novas) margens da nação angolana. In: \_\_\_\_\_. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Luanda: Kilombelombe, 2001. p. 181-192.

PEPETELA. **A gloriosa família: o tempo dos flamengos**. 2. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SILVA, Alexandre C. Teixeira da. **Adultério: prática e conseqüências**. Disponível em: <<http://www.fatin.com.br/download/texto-site-fatin-marco-prof-alexandre-adulterio-pratica-e-consequencia.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

## ICONOGRAFIA

Fig. 1- Profetiza e suposta bruxa Mãe Shipton. Xilogravura de John Ashton, *Livro de contos populares*, século XVIII. Disponível em: <<https://archive.org/details/chapbooksofeight00ashtuoft>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Fig. 2- Folha de rosto da obra *Malleus Maleficarum (Martelo das Bruxas)*, 1576. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus\\_Maleficarum#/media/File:Malleus\\_Maleficarum\\_edi%C3%A7%C3%A3o\\_1576\\_Veneza.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum#/media/File:Malleus_Maleficarum_edi%C3%A7%C3%A3o_1576_Veneza.jpg)>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Fig. 3- Bruxa. Xilogravura de Michael Wolgemut, Nurnberg, Alemanha (1493). Disponível em: <<https://www.alamy.com/stock-photo-witches-the-witch-of-berkeley-said-by-william-of-malmesbury-to-have-47848703.html>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Fig. 4- Jesus e a mulher adúltera. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=7268>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora das Pós Graduações: MBA em Logística e Supply Chain; MBA em Gestão Estratégica de Pessoas; MBA em Auditoria, Finanças e Controladoria; MBA em Comunicação Empresarial; MBA em Gestão Empresarial. Experiência nas disciplinas de Pós Graduação em: Metodologia de pesquisa, Artigo Científico, Responsabilidade Social, Metodologia do Ensino Superior.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-091-9

